

.miau!

Porto, 19 de Maio de 1916

Redação e Administração:
Rua 54 da Bandeira, 135-2.º — Telefone 1665.

PROPRIEDADE DA EMPRESA
MIAU!

EDITOR: Mario d'Oliveira
Composição e impressão: LITOGRAFIA NACIONAL
Rua de Malmeyros, 20—Porto.

A PRIMAVERA



— A vingança da Natureza sobre a barbaridade dos homens!...

Desenho de Leal da Camara.

OS POVOADORES DA ALMA...

Os senhores já repararam que ha em cada homem uma serie de aspectos diferentes, por vezes contradictorios, incomprehenhíveis mesmo e que se manifestam e desaparecem sem que nenhuma razão aparente explique tais desequilibrios?

E' que dentro de nós, vive toda uma multidão de personagens que se entrecruzam, que se entendem por vezes, que dormem, que lactam, que se espiam, que se matam, que vivem uma vida tão real como nós vivemos a nossa n'este mundo.

Todos estes personagens são o que o espirita Aen Kardec chama «reincarnações» e que outros homens de ciencias chamam «herencias atavicas» mas, o facto é que esses personagens são multos e perfeitamente caracterizados como os typos da nossa sociedade.

O *sonhador*, por exemplo, é um dos habitantes da nossa alma. E' elle quem realiza coisas que materialmente se não podem realisar mas elle tem a visão do que pode ser, do que seria... e, partindo d'este principio, desenvolve todos os planos e resolve-os independentemente d'esse outro personagem que tambem vive em nós, modesta e timidamente, e que se chama o *Guarda litoros*.

O pobre guarda litoros olha através os seus olhos embaciados para aquelle admiravel desenvolvimento tecnico e treme mas, como é um desgraçado que em nós é tudo e nada ao mesmo tempo, cala-se e inclina-se passivamente.

O *Sonhador* domina o *Guarda litoros*.
—Vae fazer-se isto! Vae fazer-se aquell outro!

Ao final de tantos projectos, nada se faz na realidade.

Temos tambem em nós o *Avarento* que não é como o guarda litoros um ser incharacteristico, que não impõe a sua vontade.

O *Avarento* obriga-nos, contra a nossa vontade e contra as nossas tendencias a pedir um fosforo para não comprar uma caixa de dez reis, a pensar numa hora a maneira de não gastar um pataco custando essa hora de matutar muito mais que esse pataco.

O nosso *Avarento* é intrigante. Para realisar os seus fins invoca os sacrosantos principios de economia, chama em seu auxilio, todos os outros habitantes de nós mesmos e implora que convençam o desgraçado que nós somos de não gastar e, se tanto fôr preciso, ficar mal deante de todos mas com a condição de guardar os 10 reis.

Ha em nós o typo contrario e absolutamente admiravel do personagem impoente que se chama *sua Excelencia o Magnifico*.

E' este illustre personagem que nos faz estender a mão direita, ao criado, com energia e autoridade, para pagar os cafés enquanto a mão esquerda impede o amigo de pagar, n'um gesto calmo e definitivo que não admite replica.

E' *sua Excelencia o Magnifico* que se preocupa do nosso prestigio.

E' elle que tem uma serie de escravos que domina para seu gozo.

Tem matematicos e geometras que passam o dia a provaram por A+B que é absolutamente indispensavel dar certo bailarico em casa, um jantar de annos, uma viagem, comprar arvores para o quintal, um chapéu da ultima moda, umas luvaz ingluetas que se vendem n'uma certa loja cara e tal ou tal outro objecto até lá desconhecido mas que *sua Excelencia o Magnifico* entende indispensavel á normalidade da sua vida magnificante.

E' para elle que os pedros gemem dizendo:—partiu para as Prédas o nosso querido e distincto... —Chegou a esta capital o illustre... —Passou honorem o anniversario natalicio do Ex.mo Sr. —Foi approvedo com distincão o intelligentissimo filho do nosso querido amigo e illustre director da empresa frigorifica das thermas....

Sua Excelencia o Magnifico faz-nos atravessar a vida com pompa e dignidade!

Ha tambem em nós esse outro personagem que dormita mas que é levado da bréca quando se desperta.

E' o *Heroe*.
Todos nós temos um heroe dentro da nossa alma. Elle aspira a apparecer e a dominar todos os outros.

Em um momento grave, surdo a todos os conselhos dos personagens prudentes que em nós residem e aproveitando a perturbacão em que ficam os outros que como o *Sonhador* e *sua Excelencia o Magnifico* ou o *Avarento* não servem para as luctas positivas da vida, o *Heroe* salta cá para fora e obriga-nos a fazer uma serie de açções que, por vezes nos levam á immortalidade mas que outras nos fazem cair no ridiculo.

Ohem ah! para os cafés e para essas ruas e vejamos quantos heroes conhecemos,

dentro de nós, Aparte os bem conhecidos typos de *Buruzex* que só pensa em viver sem encomodo, de *Ladrão* que pensa adquirir sem dar nada em troca, de *Clinico* que recusa o deixar-se influenciar por sentimentos, de *Actor* que se preocupa do que os outros pensam d'elle, se o virmos em tal ou tal momento, o *mas tu'ou'os* francezes, que temos tambem esses dois seres tão diversos, antagonicos mesmo, mas que andam sempre juntinhos.

O *Anjo de Pureza* e o *Porco*.
O *Anjo* guarda o *porco*, vedia que elle não faça porcias e, para o convencer, utilisa como Orphen, o prestigio da musica. Mas em vez de lhe tocar musicas bregeiras e que talvez convencesse o *Porco* elle toca-lhe musica celestial.

Accresce a circunstancia que o *Porco* detesta as melodias e o *Anjo de Pureza* não pode suportar os sons brucos e harmonicos.

O *Porco* protesta contra a musica ce-

edificio é forte e resiste a todos os embates, então desperta esse outro individuo que habita em nós e que é o verdadeiro dono da casa—o *Eu*—e pegando n'esse marmelero que se chama a *Vontade* desanda á tapona ao *Sonhador* e ao *Magnifico* e ao *Avarento* e ao *Heroe* e a todos os outros inquilinos da nossa vida.

E' á cacetada e a pontapés. transformamos em escravos!...

A partir d'esse momento elles só vivem de recordações.

O *Sonhador* diz:—se eu tivesse pedido...

O *Magnifico* diz:—quando eu era...

O *Heroe* escreve as suas memorias e começa:—no dia tantos de tal anno estive eu...

O *Anjo de Pureza* transforma-se em amantissimo e o *Porco* esquece o seu passado e casa com a viuva de um abastado capitalista.

E, livres d'esses intrusos, nós podemos emfim, começar a viver a vida que melhor nos convem.

Julius.

Os Snobs por Opisso



—Nós somos feitos para a moda.

—E a moda é feita para nós!...

tendo feito e gabando-se de açções espartosas!...

O typo exterior é tranquilo e indifferente pois nós não temos a culpa do que se passa cá por dentro.

Quem nos faz fazer heroicidades é o *Heroe* mas nós ignoramos totalmente como e quando entraremos n'essa fase gloriosa da nossa existencia.

Isso depende da força do *Heroe* e da resistencia que lhe oppem os outros companheiros, os povoadores da nossa alma.

Quando o *Heroe* desperta e pretende disparatar, os outros, apesar de pacificos, batem-lhe e por vezes a lucta é tão grande que o *Heroe* morre vilmente espancado como um cão!...

A partir d'este momento, a nossa vida corre tranquillamente, sem complicações belicosas e os que mataram o *Heroe* dominam-nos na proporção do espaço que lhes legou o heroe tão sinistramente assassinado.

E' util tambem lembrar que nós temos

lestial soltando grunhidos e o *Anjo* que é incompartivel com essa opinão musical, põe os dedos nos ouvidos e vae esconder-se n'esse cantinho da nossa alma onde cultivamos, ás escondidas, a bella flor azul, tão rara, do nosso autentico ideal.

O ignobil animal aproveita da liberdade para saltar brutalmente por sobes e valados e espaljar-se vilmente nos atoleiros de lama mal fedentes.

Todos estes personagens que vivem e se degradam em nós, acabam por escangalhar o envolvero que os fotografos produzem com os seus complicados aparelhos e se parecem tão pouco com nós mesmos.

Ao fim de um certo tempo estamos transformados n'uma ruina!...

A nossa cara, o nosso corpo e a nossa expressão revela a lucta interna que travaram todos esses povoadores da alma sem se importarem da nossa pobre carcaça...

Mas, quando uma vez que outra, o

Pescando... á cana

Mais ardente que uma frágua

E sobre a reiva macia,
Dos vaevens esquepo a máguia
Se descubro á tona d'agua,
A deslizar, uma enguia...

Pesca-la, pois, me apetece
Quando mui perto a destaco;
Mas quasi sempre acontece
Que a enguia desaparece,
Vae-se meter no buraco...

Sobre outros pontos, porém,
A minha cana removeo,
E, mal julgando um desdem,
A linda enguia lá vem
A' superficie de novo!...

Já d'uma vez, eu julgava
Pescar o peixe mais belo,
(A propria cana vergava!)
Vae-se a vér... o que eu pescava...
—Era um sapato d'ourêto!

Tal peixe veio, outra vez,
Que eu fiquei mudo! aborto!
De cor ciazenta, maltez,
Vejo cair a meus pés...
—Um terrivel gato morto!

E' dura espiga! e bem grossa
P'ra um pescador, affinal!
Por este anjar' perco a bossa,
E, um dia, pecco a carroga
Do lixo municipal!...

Esta lida põe-me em brass,
Meu pot're corpo atrofia...
Aos peices quero dar vasa,
E, á noite, recolho a casa,
Sempre co'a cesta vasia!

Mes deixo aqui, bem gravada,
Esta vontade em questio,
Isto sómente e mais nada:
—Ir para a eterna morada
Co'e minha cana em açcão...

Confio que Deus me deixe
Mostrar quem sou na outra vida...
E p'ra que algum se não queixe,
Mandar-vos-hei de lá peixe
Sem conta, peso, ou medida!...

Acacio Trigueiro.

A BENÇÃO PAPAL

«Deus está com os nossos heróicos soldados, no Oriente, no Occidente, no mar e nos espaços.»

Carta pastoral do cardeal arcebispo de Colonia.

— Sua Santidade enviou a benção apostólica ao exército português. —

Os jornais.



— Perdão, Santidade: mas o Todo Poderoso já está comprometido com a Alemanha!...

Piadas soltas

— Saiba o meu amigo isto: os grandes apaixonados pelos concursos hípicas, prometem interessantes diversões d'este genero no Campo do Bessa. Que me diz a respeito das futuras corridas de cavalos?
— Acho que essas corridas são, com proposito ao melhoramento das crias cavaleiras de Portugal, o mesmo que as corridas de touros applicadas ao desenvolvimento da raça vacum, e as luctas de galos para aperfeiçoar as aves de capoeira...

— Tenho notado que as casas de espetaculos se vão multiplicando dia a dia, cá pela Invicta...

— Efectivamente, aqui, toda a gente se diverte á noite: a aristocracia, as classes medias e até as classes pobres. Os divertimentos nocturnos são positivamente um vicio nacional. Mas os empresarios teatraes, mais dia menos dia, consumam a anedocta dos dois grilos...

— Como?

— Comendo-se uns aos outros!

— Então, confessa que não veio até cá para se submeter a tratamento dos seus males?...

— Assim é. E agora que chegou o momento das confissões, vou fazer-lhe mais esta: nem estou doente, nem o estive já-mais. A minha enfermidade foi uma comedia em que o medico teve o seu papel. Vim até cá, não para curar enfermidades, mas tão somente para demonstrar duma maneira palpavel que, se quando nos falta carinho, são indispensaveis os prazeres, quando se ama como a um agora, o amor, só o amor, basta para fazer a felicidade de toda uma vida! Termino, pois, desejando uma feliz tournée á minha boa amiga, cujos pequeninos pés eu beijo — retoricamente falando...

— O que são os clumes! Ha homens respeitaveis que se entregam ás mais tristes figuras, ás mais fantasticas extravagancias quando estão ciumentos.

— Não admira. Olha, um homem casado, e por signal com uma mulher muito bonita, conheço eu, o qual, apesar de muito santarrão não permite em casa nenhum santo que avése uma cara simpatica ou jovem.

— Isso chega a ser um exagero! Temer a traição dum santo...

— É diz elle que preclamos voltar aos tempos em que os cristãos cirios, zelosos

como turcos, estabeleceram que as mulheres se confessassem umas ás outras, por causa das duvidas...

— Tal é a confiança que ele deposita nos abades...

Vejo em certas capelas que se pretendem entoar novamente a velha cantata do monopolio do jogo de azar, e — tambem já começa a manifestar-se a ronha dos impolitos, flagrantemente exhibida por meio de um pau de dois bicos, como aquelle que descubro nas entrelinhas de muita prosa referente ao assunto, o que pouco depois a favor dos virtuosos do *cêrco ao rei*, antigamente muito atreitos ao salto nos cêfres publicos.

— Tem você carradas de razao, visto que eu já conheci, no tempo da outra senhora, um homem que, julgando-se deshonrado com uma *parada* sobre o pano verde duma casa de tavolagem, não recusou perante a deshonra de levar á gloria o tributo immaculado de centenas de contribuintes, em certa repartição do estado...
— Pois meu caro, a esse respeito só alimento a minha velha opinio: cartas na mesa, e jogo franco!

A' unha!

Como Domingo passado A tarde esteve formosa, Tirei-me do meu cuidado E fui até á Areosa.

No fim da lide, ao voltar Do taumoaquico brodio, Puzme um pouco a matutar N'este já velho episodio:

Tinha chegado dos toiros Ao pé da sua consorte, Carregadinho de loiros, Muitos cobres, pratas, oiros, Um forçado gorlo e forte.

A mulher, so vê-lo assim Endinheirado á cunha,

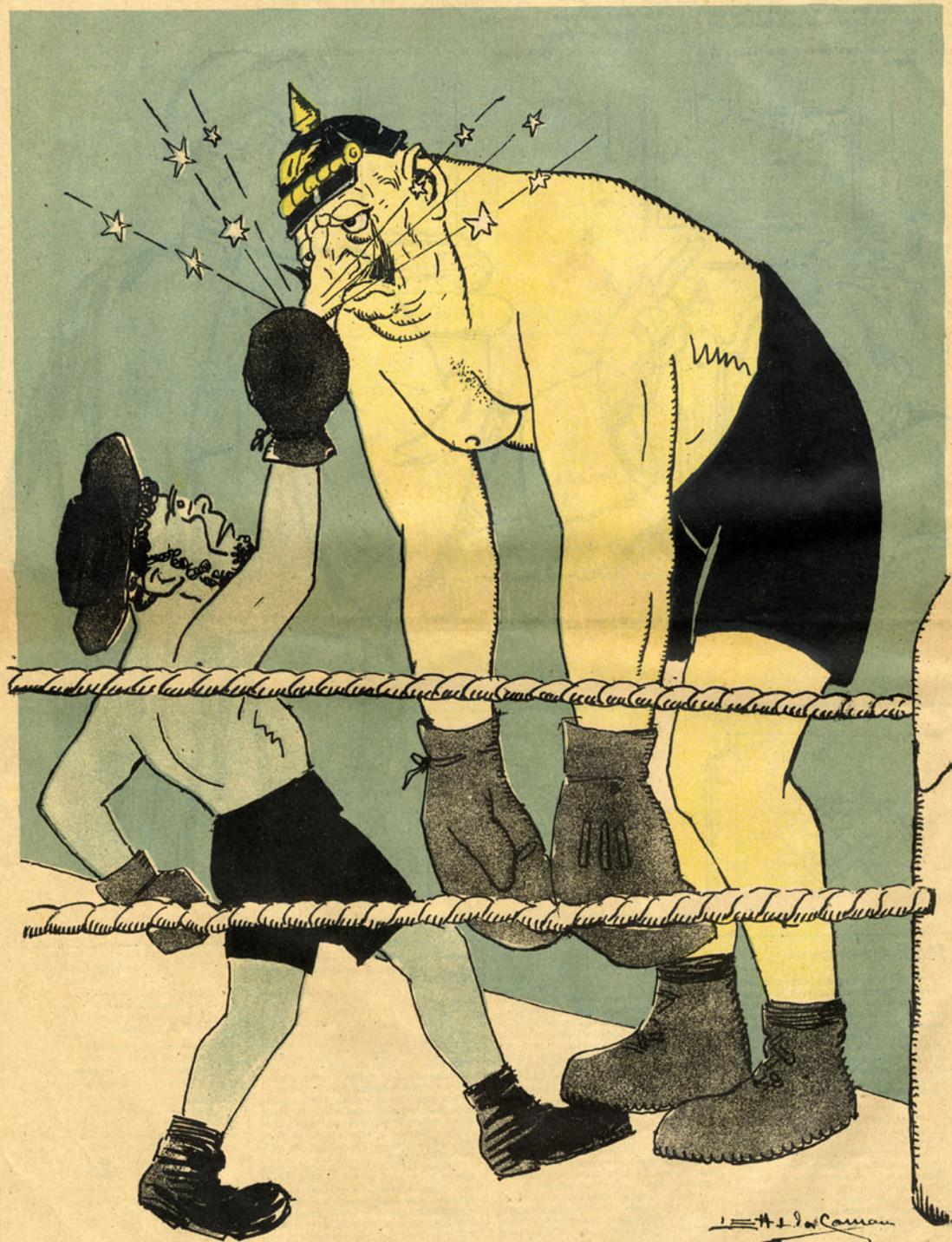
P'ra melhor ser o festim Dá o signal no clarim:

— A' unha!

E o forçado Bem quadrado,

A valer, Com essa *féra* valente, Bate as palmas á mulher — E faz a péga de frente!...

O match de box



— Já vês que os homens se não medem aos palmos. Pequeno, mas tesinho!...

Desenho de Leal da Camara.